

Sonia Marques
Guilah Naslavsky

UMA ESCOLA DE DELFIM?

A existência de uma escola de arquitetura recifense ou pernambucana, que teria começado com Luiz Nunes e persistiria até o presente, tem sido indicada recentemente por muitos autores. Na contramão desta interpretação, neste texto, afirma-se, com base nas fontes consultadas e, sobretudo, na análise das edificações, que a produção de Nunes faz parte de um episódio sem continuidade e que se escola de arquitetura houve em Pernambuco, coube a Delfim Amorim a liderança. De qualquer forma, seus vestígios pouco se fazem presentes na produção contemporânea.

Introdução

No segundo pós-guerra, inicia-se um amplo movimento de revisão das diversas realizações do movimento moderno. Para muitos autores, a exemplo de Benévolo (1989, p. 711), é neste processo que se reconhece a originalidade e o valor das realizações brasileiras e japonesas e o quanto ambas são capazes de estimular as experiências europeias e norte-americanas. Atraindo crescentemente a atenção da crítica especializada internacional, no Brasil, a década de 1950, foi uma época áurea: momento de afirmação dos ensinamentos da chamada Escola Carioca, fonte de inspiração para as novas gerações de arquitetos brasileiros, em particular as soluções plásticas de Oscar Niemeyer.

Em Pernambuco, no Nordeste do Brasil, onde experiências modernas pioneiras já haviam ocorrido nos anos 1930,¹ a década de 1950 foi também um momento importante: o estado acolhe jovens arquitetos do Sudeste do país, além de estrangeiros, que contribuem de maneira decisiva para a formação de uma nova geração de arquitetos modernos pernambucanos. Dentre os vindos do Sudeste, destaca-se Acácio Gil Borsoi; já entre os estrangeiros, a liderança cabe, sem dúvida, ao português Delfim Amorim.²

A estes somam-se vários outros que trabalharam ao longo dos anos 1950 e 1960: Augusto Reynaldo, Fernando Menezes, Waldecy Pinto, Maurício Castro, José Norberto Silva, Reginaldo Esteves, Wandenkolk Walter Tinoco, Marcos Domingues, Armando de Holanda Cavalcanti, Glauco Campelo, Vital Pessôa de Melo, Heitor Maia Neto, Everaldo Gadelha e outros. Como resultado, podemos observar obras nas quais o respeito aos rigores do clima tropical motiva a utilização de materiais naturais e locais, bem como soluções com cobertas que buscam grandes sombras, varandas generosas, revestimentos cerâmicos e azulejos decorados.

Pesquisando a arquitetura contemporânea nos anos 1960, Bruand (1981) foi o primeiro a questionar se estas experiências locais, muito relevantes a partir de fins

dos anos 1950, e que então prosseguiram, não teriam uma identidade regional, atestando uma forma do fazer local. Na esteira de uma perspectiva historiográfica mais recente e mais inclusiva, a hipótese aventada por Bruand (1981) ganhou novos contornos. O questionamento – da existência de uma “Escola Pernambucana de Arquitetura”, ou de uma “Escola do Recife” (AMORIM, 2001) – tem sido extremamente frutífero, motivando pesquisas com orientações diversas. Alguns, como Diniz (2007), diferentemente de Bruand, incluem Mario Russo já no legado dos anos cinquenta, afirmando que estaria marcante até hoje. Outros chegam a periodizar um contínuo: iniciado pelo arquiteto Luiz Nunes,³ na década de 1930, estender-se-ia até os dias atuais.

Tentando esclarecer nossa posição neste debate, neste artigo, revisitamos as perguntas: Existiria mesmo uma “Escola Pernambucana” ou uma “Escola do Recife?” De quando a quando? Qual a pertinência da atribuição da inauguração desta escola a Nunes? O que a caracterizaria? Como verificar os traços de permanência de uma geração a outra e até o presente? O que a distinguiria da produção arquitetônica brasileira restante?

Movimento, linha, paradigma: Bruand, Silva e Amorim

Ao escrever sobre a arquitetura pernambucana, Bruand (1981) destacou dois períodos. O primeiro, caracterizado pelo que denominou “movimento do Recife”, temporário, como bem explica em seu livro, tanto no prefácio, como quando se debruça sobre os anos 1922-1935, época deste movimento:

As primeiras tentativas de introdução da nova arquitetura no Brasil tiveram, portanto, um caráter restrito, quer pelo pequeno número de oportunidades e encomendas de natureza particular ou pública, quer – como em Pernambuco – pelo caráter temporário dos recursos concedidos que não possibilitaram ao movimento se afirmar definitivamente. (BRUAND, 1981, p. 80, grifo nosso).

Importa-nos destacar o termo empregado pelo autor: movimento, que caracteriza algo que passa. A visão de Bruand (1981) sobre Nunes, como parte de um “movimento renovador autônomo” é, inclusive, destacada com muita perspicácia por Tinem (2002). Entre este movimento e o que ocorre depois, na ótica de Bruand (1981), há um hiato. Nenhuma herança, nada em comum, a não ser o espaço geográfico que abriga as edificações. Ao arquivista paleógrafo, a quem não escapou nem a originalidade, nem o pioneirismo de Nunes, tampouco escapou o caráter episódico de sua experiência. Em suas palavras:

A renovação da arquitetura em Recife é relativamente recente se for deixado de lado o episódio Luís Nunes de 1935 a 1937. De fato, ela ocorreu apenas depois de 1950 e deveu-se ao estabelecimento, na capital de Pernambuco,

de dois jovens arquitetos, um vindo do Rio, outro de Portugal: Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim (BRUAND, 1981, p. 146).

Em Silva (1988), seguindo esta perspectiva, a datação é igualmente clara, mas, assumindo a hipótese colocada por Bruand (1981), ela sugere um contínuo: há uma linha pernambucana que tem sua origem na concomitância do trabalho de Borsoi e Amorim, como mentores, formadores de discípulos, não apenas pelas realizações, mas também pelos ensinamentos, como professores da Faculdade de Arquitetura, respectivamente de Grandes e Pequenas Composições, onde confirmavam os valores presentes naquelas realizações. Para Silva (1988, p. 20), foi:

Acácio Gil Borsoi, formado no Rio de Janeiro, um dos mentores – ao lado do português Delfim Amorim (1917-1972) – de uma “linha pernambucana” de arquitetura (uma derivação com linguagem própria da linha carioca), que vai formar algumas gerações de arquitetos que hoje atuam por toda a região, extrapolando as fronteiras do Estado de Pernambuco e mesmo da região em si.

Esta mesma periodização, com os mesmos protagonistas, será assumida por Luiz do Eirado Amorim (2001) que, tentando verificar a hipótese de Bruand, usa a sintaxe espacial como método, tendo como resultado o paradigma dos três setores, presentes nas residências do Recife, no período entre 1950 e 1970, conforme comentaremos adiante.

Movimento, linha, paradigma, no conjunto de estudos mais recentes, progressivamente, as análises tornam-se mais inclusivas. Diniz (2008), por exemplo, inclui Russo na geração que contribuiu na escola pernambucana dos anos cinquenta e vê nas “vozes pernambucanas” atuais a continuação de ideias e posturas desses anos e dos mestres. Já outros pesquisadores remontam o novelo da linha pernambucana, assinalada por Silva (1988), à atuação de Luiz Nunes junto à Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, nos anos 1930. Deste então, num movimento contínuo, Nunes teria passado o bastão a Mario Russo⁴, o qual, por sua vez, teria deixado um legado que seria enriquecido, final e decisivamente, por Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi, com repercussões até os dias que correm.⁵ As versões são várias e têm sido repetidas em muitas apresentações em colóquios e seminários ultimamente.⁶

Por que razão, após quase quarenta anos, a versão apresentada por Bruand (1981) teria sido reinterpretada? Haveria pesquisas novas, evidências que contrariassem a posição por ele apresentada?

Sobre Nunes e suas improváveis dinastias

Uma retomada do contexto no qual Bruand (1981) produziu seu livro e uma comparação com a situação atual talvez pudessem esclarecer um pouco o assunto.

O livro de Bruand (1981) resulta de uma tese defendida em 1971 e, como ele afirma, teve, nos arquitetos entrevistados, a fonte oral mais importante de sua pesquisa. Na versão brasileira, editada em 1981, não consta a lista dos entrevistados. Em todo caso, é certo que, tendo passado por Pernambuco, Bruand (1981) fez, com certeza, entrevistas com diversos arquitetos locais, próximos dos grandes mestres Amorim e Borsoi, senão com eles próprios. Mas nada o levou a dizer que os arquitetos pernambucanos reivindicassem ou evidenciassem, em seus ideais ou realizações, uma afiliação ao legado de Nunes e equipe. Aliás, vale também lembrar que os engenheiros Joaquim Cardozo e Antônio Bezerra Baltar, ambos colegas de Nunes, eram fontes acessíveis a Bruand, se este assim o quisesse. Mas nenhum deles escreveu sobre uma continuidade da obra de Nunes que caracterizasse uma escola do Recife.

Não estamos aqui questionando o valor da atuação de Luiz Nunes nem tampouco, e menos ainda, o caráter vanguardista de sua obra, já que ambos são inegáveis. Nem por isto, parece-nos exalar uma “pernambucanidade”, nem tampouco haver exercido uma influência, mesmo na sua época, para além do raio das vanguardas reunidas na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo que liderava. Luiz Nunes não fez discípulos, e dificilmente poderia tê-los feito, pois teve vida curta e afastada tanto da Escola de Belas Artes quanto da Escola de Engenharia, centros de formação e divulgação dos ideais estéticos.

Fundada em 1932, a Escola de Belas Artes de Pernambuco seguia a orientação tradicionalista, herdada das *École des Beaux Arts*. Sobre seus fundadores, Marques (1983, p. 180-181) comenta: “[...] não passavam de escultores e pintores de formação tradicional e que mantinham conceitos sensivelmente conservadores a respeito do que deveria ser a escola.”

O discurso do primeiro diretor, o escultor Bibiano da Silva, evidencia o aspecto tradicionalista da escola: “Meus grandes amigos e irmãos em arte e espírito [...] vamos construir o sagrado templo das Belas Artes [...] os nossos arquitetos [...] projetarão um templo que será majestoso, sublime, harmonizando num feliz conjunto, as cinco das artes Grega e Romana.” (MARQUES, 1983, p. 183).

A renovação da arquitetura parece percorrer outros rumos que não, especificamente, os acadêmicos da Escola de Belas Artes de Pernambuco, como relata Barros (1972, p. 144):

Com a Escola Livre de Engenharia surgem escolas livres, e foi desta efervescência em torno do conhecimento científico que começaram a surgir os primeiros arquitetos modernos, na linha de Le Corbusier, Mies van der Rohe e outros; formava-se, assim, no Recife o ambiente propício para a instalação da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo a D.A.U., que foi criada em 1934.

A vinda de Luiz Nunes, arquiteto moderno, formado na Escola Nacional de Belas Artes e contratado pelo Governo do Estado de Pernambuco, foi fundamental para a criação da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU), da qual surgiram inúmeras obras modernas de cunho social entre 1934-1937. O grupo modernista da Diretoria constituiu-se numa vanguarda bem à frente da produção local; a modernidade dos projetistas e arquitetos atuantes no período restringia-se às linhas retas e geométricas com reminiscências clássicas.

Entre os projetistas mais arrojados, destacavam-se Heitor Maia Filho e Georges Munier, ambos professores da Escola de Belas Artes de Pernambuco, cujos cursos permaneciam sob orientação tradicionalista: nas aulas de modelagem lecionadas por um estucador, os alunos eram solicitados a moldar capitéis coríntios e flores de acanto; as aulas de desenho e pintura, sob orientação de D. Fédora do Rego Monteiro, também seguiam a orientação tradicional (NASLAVSKY, 1998). Foi Lula Cardoso Aires, pintor moderno, quem, substituindo D. Fédora de Rego Monteiro, introduziu no ensino de desenho o estudo das cores e das formas geométricas simples, tais como as da bandeira do Brasil. Nas cadeiras de teoria, sob orientação de José Maria de Albuquerque Melo, os alunos eram solicitados a desenhar composições estilísticas.

Luiz Nunes e Mario Russo

A vinda do arquiteto italiano Mario Russo, em 1949, foi o marco de um novo período e de formação de uma nova geração de arquitetos pernambucanos. Contratado pela Universidade do Recife, para elaborar o plano do Campus da Cidade Universitária, Russo foi convidado para ensinar, nas cadeiras de composições arquitetônicas, no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco – deixadas vagas pelo falecido Heitor Maia Filho, e ocupadas, em caráter provisório, pelo engenheiro urbanista, Dr. Antônio Bezerra Baltar –, tendo, então, introduzido os preceitos do racionalismo moderno, fato determinante para a primeira turma do curso autônomo de arquitetura.⁷

Mario Russo trabalhou no Recife entre 1949-1956. Projetou a Faculdade de Medicina, o Laboratório de Antibióticos e o Hospital das Clínicas, além de outros edifícios do Campus e algumas residências unifamiliares (SILVA, 1988), entre elas, a casa de Dr. Milton Medeiros, bela residência moderna com nítidas influências do modernismo italiano. No Plano Urbanístico da Universidade do Recife, Russo contou com a colaboração de seus alunos Heitor Maia Neto, Maurício Castro e Everaldo Gadelha, que participaram de alguns dos principais projetos desenvolvidos por ele no Escritório Técnico dessa Universidade, entre eles, os edifícios da Faculdade de

Medicina, do Laboratório de Antibióticos e do Hospital das Clínicas. Posteriormente, Heitor Maia Neto, recém-formado, chefiou a seção de desenho desse escritório e deu continuidade aos trabalhos, na ausência de Mario Russo. É difícil ver nessas obras uma continuidade entre aquelas realizadas por Luiz Nunes e pela Diretoria de Arquitetura e Urbanismo em geral.

Uma aproximação entre Nunes e Russo só é possível dentro de um raciocínio muito genérico que pouco explica, além de que, ambos, partilhando das informações europeias em geral, deviam adequá-las aos limites da mão de obra local e das imposições climáticas. Mas isto seria verdadeiro para todo profissional bem informado à época.

Problemas analíticos: da adequação climática às questões espaciais e tectônicas

O clima, aliás, tem sido um dos fatores mais convocados como determinante das características regionais. No caso, ele teria determinado certas recorrências de agenciamento espacial e de soluções formais da arquitetura pernambucana. Assim, do respeito às condições climáticas, das coberturas e grandes beirais, da utilização de materiais locais, azulejarias e cobogós,⁸ seria feita a pernambucanidade.

Este é um argumento de grande pregnância, convincente por sua simplicidade. No entanto, uma simples imagem serviria para questioná-lo. Quando se olha a arquitetura moderna de Tel-Aviv, por exemplo, com seus peitoris ventilados, a mesma adaptação ao clima local pode ser encontrada. Do mesmo modo, painéis de elementos vazados, muito próximos do cobogó, ainda que, evidentemente, não tenham sido fabricados pela firma que deu origem ao nome, no Recife, podem ser encontrados, desde os anos quarenta, na arquitetura californiana residencial de padrão baixo e médio.

Talvez uma maneira mais enriquecedora de apreender similitudes e diferenças entre os diversos arquitetos atuantes no Recife fosse empreender uma análise comparativa de suas obras, apoiada em critérios da teoria da arquitetura, construtivos e morfológicos. Inspiradas na análise de Rowe (1982), para a casa ideal de Palladio e Le Corbusier, poderíamos comparar o Pavilhão de Verificação de Óbitos de Nunes (Figura 1), que, por sua escala doméstica, pode ser assimilado a um projeto de arquitetura residencial com a casa Milton Medeiros (Figura 2), de Russo. Alguns elementos saltam imediatamente aos olhos, mostrando a distinção das estratégias compositivas destes dois arquitetos. No Pavilhão de Verificação de Óbitos, a fachada principal oferece a simetria, mediante um eixo central, como fizera Frank Lloyd

Wright, entre outras, na casa Winslow, de 1893, tal como fizera Le Corbusier, em seus primeiros trabalhos em La Chaux des Fonds, na Villa Fallet, na Villa Jeanneret-Perret ou na mais conhecida Villa Schob de 1916, quando ainda era conhecido como Charles Edouard Jeanneret. Do ponto de vista do agenciamento da planta, a utilização da simetria simples, obtida pelo rebatimento das partes tais quais, a partir de um eixo. Este espelhamento dará lugar a uma simetria mais complexa, por correspondência de elementos rebatidos e de cheios e vazios de uma parte e de outra de um eixo, como na Villa Savoye e na Villa de Vaucresson. Uma das fotos mais difundidas da Villa Savoye (Figura 3), entretanto, é a de uma fachada em que a simetria pelo espelhamento prevalece e é justamente esta a que mais se assemelha àquela do Pavilhão de Verificação de Óbitos. No entanto, a relação de cheios e vazios amoldou-se ao programa que, no Recife, exigia uma completa ocupação do térreo. Sem poder usar os pilotis que, na Villa Savoye, permite os vazios laterais, Nunes fez a mesma marcação tripartite no térreo do pavilhão, deixando os pilares propositadamente independentes nas laterais. Na casa Medeiros, a composição de Russo é assimétrica e os planos, articulados à maneira neoplasticista, evitam as quinas, de maneira a dar ideia do prolongamento espacial de um espaço ilimitado, como nas composições de Wright e de Mies van der Rohe.



Figura 1 - Pavilhão de Verificação de Óbitos da Faculdade de Medicina, Recife, Projeto de Luiz Nunes, 1936
Fonte: Foto Eduardo Aguiar.

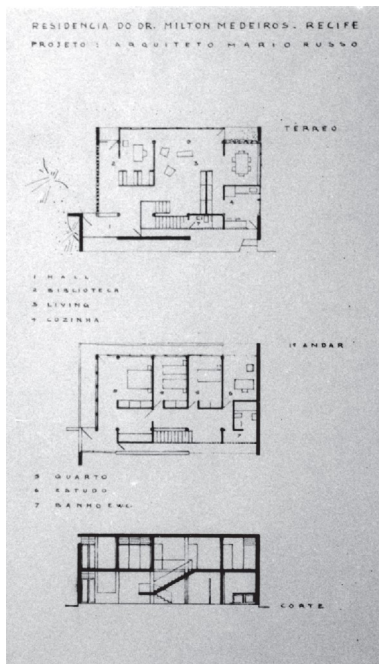


Figura 2 - Residência Milton Medeiros, 1949, Mario Russo
 Fonte: Cabral (2003).



Figura 3 - Villa Savoye, Poissy.
 Fonte: Rodrigo Espinha Baeta.

Com base nestes aspectos, a nossa aposta é de que uma avaliação comparativa entre Nunes e Russo, numa mirada que ultrapassasse as “adequações ao clima”, nos apontaria mais para distinções do que para semelhanças que autorizem classificá-los como pertencentes a uma mesma escola.

O reinado Amorim e Borsoi

Neste sentido, vale lembrar que, por razões diversas, nenhum dos dois – nem Nunes, nem Russo – eram evocados como pioneiros de uma dinastia, nos finais dos anos sessenta e ao longo dos anos setenta, no curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife (FAUR), depois curso de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), época em que Bruand fazia suas pesquisas.⁹ Por que?

Voltemos ao ano de 1951. Ele é marcante, pois chega ao Recife o jovem arquiteto Acácio Gil Borsoi, nascido em 1924, recém-formado em 1949, no Rio de Janeiro, iniciando sua atividade docente na Escola de Belas Artes de Pernambuco (SEGAWA, 1998). Neste mesmo ano, imigra para o Recife, o arquiteto português Delfim Fernandes Amorim (1917-1971) formado no Porto em 1947, que fora professor em sua escola e co-fundador da Organização em Defesa da Arquitetura Moderna (ODAM), movimento português que tinha a arquitetura brasileira entre suas referências. Amorim trabalhou com Borsoi tornando-se seu assistente no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes entre 1953-1955, para logo assumir a regência da cadeira de Pequenas Composições, função que desempenhou entre 1956 e 1959.

A partir de 1958, o Curso de Arquitetura separa-se da Escola de Belas Artes de Pernambuco, e a nova orientação do ensino, preocupada em liberar-se da herança tradicional remanescente, foi fundamental para a formação de uma nova geração de arquitetos. Amorim, juntamente com os professores Acácio Gil Borsoi, Heitor Maia Neto e o representante dos alunos Geraldo Gomes da Silva, reestruturaram o currículo da nova faculdade (SILVA et al., 1981), com mudanças sensíveis no ensino, sobretudo do projeto. O mestre português regerá a disciplina de Composição de Arquitetura até sua morte. Podemos, portanto, facilmente entender Silva et al. (1981) e Segawa (1998), ao fazerem de Delfim Amorim um dos responsáveis pela formação de uma “escola pernambucana” a partir de 1960.

Figuras renovadoras, Borsoi e Amorim modificaram a percepção dos arquitetos locais, sobretudo de seus colegas na faculdade, sobre os profissionais e mestres do passado. Paralelamente, o prestígio de Russo conhecia um declínio, agravado por desentendimentos profissionais que findaram por fazer com que retornasse à Itália, deixando, inclusive, rumores quanto a sua competência profissional. Divulgou-se que as obras do Hospital das Clínicas não concluíam devido a erros de projeto e que as macas não passavam pelos corredores (CABRAL, 2003). No entanto, como relata Cabral (2003), baseada em testemunhos como os dos arquitetos Pina Didier, Heitor Maia Neto e Maurício Castro, o projeto de Russo contrariava interesses dos então poderosos médicos professores, muitos dos quais não queriam que a

mudança do Hospital Pedro II para a Cidade Universitária se efetuassem. Além disso, desgostava a muitos o esquema proposto por Russo, que impedia que os visitantes circulassem nos corredores. Segundo versão de Dr. Romero Marques, diretor da Faculdade de Medicina de 1963 a 1965, um dos médicos integrantes da comissão para a conclusão das obras do Hospital das Clínicas, estas não haviam sido concluídas porque o projeto de Russo, seguindo uma visão racionalista europeia, reacomodaria os serviços cirúrgicos e de atendimento de uma maneira que perturbava o sistema hierárquico dos catedráticos (CABRAL, 2003).

O fato é que, seja por conta de questões da vida privada, seja pelos desafetos da vida profissional, como assinala Cabral (2003), em 1955, Russo já não gozava de muito prestígio no Recife, e, no ano seguinte, encontrava-se em São Paulo. Nessa época, a cultura arquitetônica recifense cedeu ao fascínio dos recém-chegados Borsoi e Amorim. Os ensinamentos de Mario Russo quanto à disposição dos cômodos, localização de camas e áreas remanescentes necessárias às circulações, entre outros aspectos, começaram a ser percebidos como datados, oriundos dos preceitos e discussões dos racionalistas europeus naquele momento. Ultrapassado, trabalhando nos limites de um racionalismo rígido, com uma visão quase de engenheiro, este é o perfil que nos ofereceu Maurício Castro,¹⁰ há mais de uma década, um de seus colaboradores. Esta visão ainda permanecia no final da década de 1990, vindo a ser modificada poucos anos depois do novo milênio, como veremos mais adiante.

O grande mestre Delfim Amorim: visões de Bruand e Silva

A despeito de ser assistente, um conjunto de circunstâncias findou por dar a Amorim a liderança intelectual no plano da formação. Em primeiro lugar, as questões de idade e ideologia: mais velho que Borsoi, Amorim sustentava ideais da esquerda. Esta posição ideológica era extremamente valorizada, nos anos de 1950 no Recife, quando os intelectuais modernos aderiram à Frente do Recife, em 1960. À época e, sobretudo depois de 1960, com a criação do Movimento de Cultura Popular, vanguardas intelectuais, artísticas e esquerdistas confundiam-se de tal modo que, no golpe de 1964, quase todos pareciam suspeitos e alvos da ditadura. Se alguns poderiam ser mais “festivos”, como se dizia então, Delfim Amorim já havia sido testado, de certa forma, vindo exilado de Portugal sob o governo de Salazar. Além disso, trazia as leituras europeias esquerdizantes, às quais se referia com a solidez de bom leitor dos escritos de Henri Lefebvre, por exemplo.

Com o tempo, a trajetória de vida só fez consolidar a liderança de Amorim no plano do ensino. De fato, com a enfermidade, ele foi levado a deixar um pouco de lado o

escritório e as encomendas particulares, morando ao lado da faculdade, onde tinha o escritório e passava o dia, cercado de alunos. A doença não impediu que fosse preso sob a ditadura militar brasileira, provavelmente acusado por colegas, como podemos deduzir de relatos de participantes das discussões da época.

É fato que a experiência de Cajueiro Seco também ofereceu a Borsoi a ocasião de trabalhar para o governo Arraes e de envolver-se concretamente com questões sociais, o que, na época, era sinônimo de postura de esquerda. Finalmente, no início dos anos 1970, na medida em que a presença de Amorim afirmava-se no interior da Faculdade de Arquitetura, Borsoi afastava-se cada vez mais do ensino. A demanda crescente da clientela tornava praticamente impossível a conciliação das práticas de ensino e de projeto de escritório.

Nos últimos anos de sua vida, Amorim reinou praticamente só sobre o ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife. Catedrático das disciplinas de Pequenas Composições teve sob sua batuta os primeiros três anos de uma geração de arquitetos nordestinos, definindo para estes o que era certo e o que era errado, o que era bom e o que era mau. Mais ainda: para reforçar seus critérios e para que fosse visto, na prática, o que ele julgava ser boa arquitetura, havia sua obra, a obra de seu escritório, relativamente extensa. Praticamente condensada na cidade do Recife, esta obra segue a evolução do modernismo europeu, corbusieriano, ao qual acrescenta um toque local, passando de uma geometria branca e ortogonal, que trouxe inicialmente de Portugal, às volumetrias marcadas pelas estruturas do concreto bruto aparente de sua obra tardia.

Esta evolução, que também pode ser vista na obra de seus inúmeros discípulos, artífices não apenas da Escola Pernambucana, mas também do brutalismo potiguar, por exemplo. Lembremos que, naqueles anos de 1950 e 1960, existiam apenas três cursos de arquitetura para toda a região norte/nordeste: os Cursos de Arquitetura das Universidades do Recife, curso da Bahia e do Ceará.

Os ensinamentos de Delfim Amorim, na cadeira de Pequenas Composições, e suas ideias de modelagem, na cadeira de Plástica, formaram, deste modo, uma série de estudantes nordestinos que depois regressaram para seus estados e cidades e desenvolveram arquitetura moderna e os ensinamentos do mestre. Sua contribuição como principal mentor intelectual e prático é definitiva para esta nova geração de arquitetos. Algumas das iniciativas desenvolvidas pelo arquiteto tornaram-se paradigmas, verdadeiros exemplos a serem copiados pelos jovens arquitetos. Alguns de seus discípulos desenvolveram caminhos próprios e distintos, no entanto as lições do mestre permaneceram no rigor do trabalho profissional, que evidencia a qualidade dos projetos desenvolvidos em Pernambuco.

Por ocasião da Premiação Anual do Instituto dos Arquitetos de Pernambuco, em 1969, quando categorias distintas foram premiadas, deparamo-nos com uma geração de novos arquitetos comprometidos com ideias semelhantes. Neste sentido, mais do que uma escola de Pernambuco, o que se poderia dizer é que houve uma escola de Amorim e Borsoi e, quem sabe, mais preciso seria dizer, uma escola de Delfim Amorim. Como mentor e mestre, Delfim Amorim foi a imagem que seus discípulos, os arquitetos locais, ofereceram a Bruand. Donde a escolha que este fez, em sua tese defendida em 1971, e que justifica: “Embora Borsoi [...] seja, sem dúvida, o mais conhecido no plano brasileiro, sua obra não será examinada com detalhes, pois ele não se integra na linha que nos interessa no momento. Sua arquitetura é mais influenciada por Reidy e Niemeyer, do que pela de Lúcio Costa [...]” (BRUAND, 1981, p. 146).

Nas duas páginas e meia que se seguem a esta citação, Bruand (1981) associa Amorim a Lúcio Costa, dando a ambos um papel primordial, respectivamente no plano nacional e regional, na introdução de reminiscências na arquitetura brasileira moderna que, então, chamava de contemporânea. Com isso, Bruand (1981) associa os dois mestres àqueles que tiveram um papel – após um período de heroísmo do Movimento Moderno, da batalha de afirmação da máquina de morar e dos preceitos do racionalismo moderno – na adaptação regional, conforme assinalado por inúmeros historiadores e retomado recentemente por teóricos de arquitetura moderna internacional, seguindo o espírito do segundo pós-guerra, em vários países periféricos à Europa Central que buscam uma Arquitetura moderna adaptada às condições locais (BENÉVOLO,1989; FRAMPTON, 1993; MONTANER, 1992; TAFURI; DALCO, 1986).

Delfim Amorim teria transformado o racionalismo de sua primeira arquitetura, aprendida em Portugal, em obras com expressão local, sob a influência da arquitetura moderna brasileira, dos ensinamentos de Lúcio Costa (AMORIM, 2001) e do convívio com arquitetos locais. Sua produção estaria contemporaneamente situada nas manifestações de revisão do segundo pós-guerra, principalmente aquelas tendências neoempiristas, brutalistas ou regionalistas que buscavam uma adaptação ao meio local expressa no tratamento rústico dos materiais, na utilização de materiais locais, na adaptação aos rigores do clima tropical, no respeito ao entorno e na expressão de aspectos relevantes da cultura local (Figura 4).



Figura 4 - Edifício Barão do Rio Branco, 1966. Delfim Fernandes Amorim e Heitor Maia Neto
Fonte: Foto Eduardo Aguiar

Em 1981, no mesmo ano em que é publicada a tradução brasileira da tese de Bruand, Silva organiza um livro dedicado a Delfim Amorim. É um primeiro livro que permanece, ainda hoje, a única síntese que permite ver as características recorrentes em sua obra: separação de funções, por meio de planos diferenciados; lajes planas levemente inclinadas em concreto armado cobertas por telhas cerâmicas e sustentadas por pontaletes de ferro para permitir melhor ventilação; uso de elementos vazados semelhantes aos cobogós;¹¹ elementos de vedação independentes da estrutura; utilização do peitoril ventilado; saques de volumes na fachada (fruto da interpretação da legislação urbanística); uso dos azulejos com desenhos decorativos modernos revestindo fachadas externas e internas; utilização de esquadrias em madeira com venezianas e bandeiras ventiladas e móveis; beirais para proteção das fachadas e tratamento do coroamento do edifício (SILVA, 1981). Em estudo posterior, publicado treze anos depois, Silva (1994-1995, p. 75) afirmará:

[...] os fins dos anos 50 e início dos 60 marcam um momento ímpar na obra do Delfim Amorim, quando o arquiteto português criou um tipo arquitetônico, sua marca registrada na arquitetura de Pernambuco, aliando a leveza plástica da arquitetura moderna brasileira à sobriedade das casas rurais do passado colonial luso-brasileiro: “os telhados se reduzem a lajes de concreto armado com pequena inclinação geralmente duas águas, apoiadas em paredes estruturais de alvenarias de tijolos ou em curtos pontaletes de ferro [...] sobre as lajes de cobertura, telhas cerâmicas tipo canal formando um colchão de ar para atenuar os rigores do clima [...] uso de azulejos policromados para revestimento de trechos de fachadas externas, portas e janelas em madeira”.



Figura 5 - Residência Leão Masur, 1966. Fachada principal, Delfim Amorim e Heitor Maia Neto
Fonte: CAC-Arquitetos -2/D21Diap. Código EE8394.



Figura 6 - Residência Leão Masur, 1966. Fachada lateral, Delfim Amorim e Heitor Maia Neto
Fonte: CAC-Arquitetos -2/D21Diap. Código EE8394.



Figura 7 - Residência Gerson Carneiro Leão, 1960, Marcos Domingues (ex-aluno de Delfim Amorim)
Fonte: Foto de Guilah Naslavsky

A Historiografia e as reavaliações recentes: Nunes, Russo e Delfim

Entre as duas publicações de Silva (1981-1995), o crescimento da pesquisa e da historiografia, evidenciado nos eventos e publicações, fez-se com a redefinição progressiva dos fatos. No correr dos anos 1980, nenhum pesquisador havia mordido a isca deixada por Bruand (1981) e a escola tinha um sentido preciso da instituição escolar e/ou edificação. Foi com esta acepção que, em 1983, Marques defendeu uma dissertação sobre ensino de arquitetura, focalizando a passagem da Escola de Belas Artes do Recife para a Faculdade de Arquitetura, sob a batuta dos mestres modernos, remontando aos tempos da DAU, das contradições do governo Carlos de Lima Cavalcanti. Também é nesta linha de raciocínio que, em 1985, foi publicado um trabalho de Pontual e Marques sobre pensamento urbanístico e humanização, com foco na figura de Antônio Bezerra Baltar, tema que, por caminhos diversos, as autoras desenvolverão em suas futuras teses de doutorado.

Em 1989, a dissertação de mestrado sobre Luiz Nunes, defendida por Rita Vaz, faz um primeiro levantamento da obra deste arquiteto, até então praticamente ignorado pelas jovens gerações pernambucanas, sem, no entanto, reivindicar nenhuma origem de uma escola ou movimento. Progressivamente, a obra deste arquiteto e de outros projetistas da DAU, dos urbanistas e, particularmente, de Antônio Bezerra Baltar tornaram-se objeto de estudo, sobretudo com a organização do seminário sobre História da Cidade e do Urbanismo, cuja décima edição ocorreu em 1998, com o desenvolvimento da rede sobre o pensamento urbanístico, capitaneada por Cristina

Leme. É associada a este rede que Marques (1999) desenvolve a pesquisa sobre o bairro do Derby, intitulada *Modernidade e Urbanismo no Recife*, com Apoio do CNPq, onde se localizam duas importantes obras de Nunes, e sobre a cidade universitária, projetada por Russo. A organização do DOCOMOMO, por seu lado, dará impulso aos estudos sobre modernismo, logo abrindo espaço para a discussão de modernismos regionais.

Os finais dos anos 1980 e depois os anos 1990 serão marcados por uma nova cultura inclusiva: fala-se de diversos modernismos que convidam a considerar as demais expressões não-canônicas, além dos trabalhos realizados pelos principais protagonistas das escolas paulistas e cariocas e de seus desdobramentos, e aprecia-se a arquitetura eclética que, agora, diferentemente do que pensavam os modernistas de primeira hora, aparece como digna de ser preservada. A publicação de *Arquiteturas do Brasil*, de Segawa (1998), é significativa deste espírito de inclusão, quando propõe ir além das tradicionais classificações das escolas hegemônicas. Já os trabalhos de Trigueiro (1989, 2v.) e Naslavsky (1992) sobre ecletismo e arquitetura proto-racionalista, respectivamente dissertação de mestrado de História e o trabalho de conclusão de curso de arquitetura, apoiaram a escolha dos imóveis especiais de preservação da Prefeitura do Recife, com destaque para a casa Medeiros, de Russo.

Marcadas pela mesma sensibilidade de inclusão, assentadas por vezes na teoria da recepção, abrem-se as buscas sobre as múltiplas origens do modernismo no Brasil. Assim, um grupo de pesquisa da Universidade de São Carlos, liderado por Renato Anelli, concentra-se nas vertentes italianas e oferece a ocasião para uma releitura da inserção de Mario Russo no panorama brasileiro. Russo aparecerá resgatado na dissertação de Cabral (2003). Desde então, o interesse por este mestre tornou-se crescente, bem como a tentativa de incluí-lo numa hipotética escola recifense.

A perspectiva de Eirado do Amorim (1999, 2001), fruto da pesquisa defendida para tese de doutorado em 1999, é, contudo, singular. Ela se afasta totalmente da linha dos estudos históricos – tanto de uma perspectiva factual, quanto estrutural, quanto da história de mentalidades ou outra perspectiva histórica qualquer –, em prol de uma análise com base no próprio objeto arquitetônico. Definindo uma escola como “[...] um grupo de pessoas que compartilham ideais; paradigmas objetivamente formulados” (AMORIM, 2001, p. 2), ele lembra que o fenômeno de escolas regionais não foi restrito ao campo da arquitetura: “A literatura também é rica em descrições de escolas regionais, contemporâneas ao fenômeno do Recife, fundadas na crítica ao modernismo universal e na busca por identidades locais [...]” (AMORIM, 2001, p. 2).

Evocando a Escola de Sarasota¹² como exemplo de escola regional, Eirado Amorim (2001, p. 2) diferencia esta experiência americana da recifense, uma vez que a primeira “[...] surgiu e se afirmou exclusivamente no campo profissional [...] enquanto que, no caso particular do Recife, essa aglutinação se deu em torno do ambiente acadêmico-profissional, razão pela qual certos ensinamentos se perpetuaram no espaço e no tempo”.

No Recife, a escola que chamamos de Delfim, pelas razões acima apresentadas, materializa-se, segundo Eirado Amorim (1999), em três paradigmas – setorial, ambiental e formal –, além de dois paradoxos: (a) a precariedade tecnológica regional, expressa ela inexistência de grandes parques industriais fornecedores de equipamentos, materiais e tecnologia construtiva de ponta; (b) as peculiaridades da sociedade local.

Seria possível argumentar que a noção de escola, remetendo à questão da identidade, evocando um sentido de inclusão, de pertença, tem como corolário o sentido de distinção, ou seja, o que se assemelha e faz um grupo distinguir-se de outro grupo. Nesta linha de raciocínio, a exemplo do que foram os pontos levantados por Howell (1995 apud AMORIM, 2001) para escola de Saratosa, não temos dúvidas quanto ao fato de que Twitchell e Rudolph endossassem uma filosofia comum. Tampouco duvidamos de que os três paradigmas levantados por Eirado Amorim (2001) eram resultantes de ensinamentos e exigências de Delfim Amorim. Como bem argumentava Popper (1972), toda teoria científica será sempre conjectural e provisória, não sendo possível confirmar sua veracidade pela simples constatação de que os resultados de uma previsão efetuada com base naquela teoria se verificaram. Por enquanto, a teoria dos três paradigmas pode usufruir do estatuto de uma teoria não (ou ainda não) contrariada pelos fatos. Questionamos se estes paradigmas caracterizariam a distinção necessária à pertença a uma escola recifense ou se, ao se manifestarem também alhures, não constituem *per se* a *differentia specifica* necessária. Mas isto só poderá vir a ser respondido à luz de novas observações. Por enquanto, registramos apenas uma hipótese que poderá estimular estudos comparativos ulteriores.

Conclusão: um novelo ou uma novela?

Para concluir tomamos de empréstimo a tréplica que nos dirigiu Segawa, lembrando sabiamente que as taxonomias são possibilidades de visão de mundo; as classificações e “rótulos” são necessários como patamares de reflexão. São tão úteis para levantar questionamentos quanto descartáveis, frente às infinitas possibilidades de problematização. Assim, a discussão acerca da existência ou não

de uma escola do Recife ou de Pernambuco, seus protagonistas e sua periodização tem sido muito estimulante para nós, do ponto de vista da produção do conhecimento, da organização das ideias e da reflexão sobre o fazer arquitetônico.

Nessa linha de raciocínio e amparadas em nossas pesquisas, acreditamos ter havido não um contínuo das experiências dos anos trinta, mas uma escola de Delfim Amorim, pelo papel prescritivo e proscritivo que exerceu na cátedra, a partir dos anos de 1950. É a posição que assumimos, hoje, no campo da História e da Teoria da Arquitetura, e que tenta afastar-se dos mitos reivindicadores ufanistas de “pernambucanidade”, semelhantes a *slogans* publicitários. Reivindicar filiações para as produções contemporâneas, empreendendo reconstituições históricas, que, como nas novelas, apresentam uma grande dose de “tradições inventadas”, evidencia muitas vezes estratégias de legitimação via genealogia.¹³

Vale a pena lembrar que é sempre em momentos de ameaça ou decadência que as afirmações de identidade se fazem mais fortes. Quando Bruand esteve fazendo sua pesquisa, Recife ainda expressava uma vitalidade correspondente à terceira cidade mais importante do Brasil, um dinamismo urbano que, como ele próprio justifica, levou-o a escolhê-la em detrimento de Salvador. Mas lá se foram quase quatro décadas, durante as quais a posição do estado de Pernambuco e da cidade do Recife no contexto nacional modificaram-se bastante. Ao interpretar hoje o que significou a visada de Bruand e tentar identificar onde o francês viu sementes possíveis de uma originalidade local, temos a cautela de não enveredar na postura que Diniz (2007, p. 2) caracteriza como “Uma atitude nostálgica de apenas criticar o presente e reverenciar o passado [que] contribui muito pouco para entender o que se passa atualmente e para propor um papel mais ativo da arquitetura na cidade do Recife.”

A preocupação é justa. Mas implica num outro debate metodologicamente instrumentado para uma comparação sobre a qualidade da produção arquitetônica nesta cidade, em períodos distintos. É difícil aceitar que as vozes contemporâneas que nos apresenta Diniz (2007), independentemente da qualidade de sua produção, sigam a esteira da tradição local da escola de Delfim. É-nos também difícil acreditar que as características desta escola permaneçam até hoje. Ao menos, evidentemente, que trabalhemos num plano de generalidade que pouco explica do objeto arquitetônico, além da preocupação com o clima etc. Aliás, se fizemos uma boa leitura dos paradigmas e paradoxos do que chamamos a escola de Delfim, tal como apontados por quem tem mais autoridade sobre o assunto, a continuidade desta escola só indicaria o estancamento da sociedade pernambucana nos últimos quarenta anos.

Sonia Marques, Arquiteta, formada pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1996.

Guilah Naslavsky, formada em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunto I do Departamento de Arquitetura/Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba. Mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Notas

- ¹ No período entre 1934 e 1937, o governo do Estado, sob a égide de Carlos Lima Cavalcanti, executou obras públicas de cunho social, visando a atenuar as carências de setores infraestruturais, entre eles educação, abastecimento, saúde, lazer, entre outros. Contratou para chefiar os serviços o arquiteto modernista Luiz Nunes, formado na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, após a reforma no ensino introduzida por Lúcio Costa, Nunes e um grupo de modernistas, entre eles Joaquim Cardoso, Burle Marx, Gauss Estelita, Hélio Feijó, José Norberto Silva, Fernando Saturnino de Britto, João Corrêa Lima, organizaram a Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, possibilitando a construção de obras pioneiras de arquitetura moderna em Pernambuco.
- ² Sobre a obra de Delfim Amorim cf. Silva (1981, 1994/1995) e Amorim (1989).
- ³ Sobre Luiz Nunes ver: Vaz e Nunes (1989, 1993/1994).
- ⁴ Sobre Mario Russo ver: Cabral (2000, 2001, 2003).
- ⁵ Sobre as contribuições dos dois mestres Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, ver: Naslavsky (2004).
- ⁶ Tendo sido reivindicada, inclusive, pela professora Alcília Afonso de Albuquerque Costa, que, em apresentação de trabalho no DOCOMOMO de Salvador, afirmava seu orgulho em pertencer a esta escola (COSTA, 2008).
- ⁷ Em 1948 o Curso de Arquitetura da Escola de Belas-Artes de Pernambuco ganhou autonomia e foi reconhecido curso superior e separado das Belas-Artes.
- ⁸ Idealizado pelos engenheiros Amadeu Coimbra, Ernst August Boeckmann e Antônio de Góis, de cujas iniciais dos sobrenomes Coimbra, Boeckmann e Góis nasceu a palavra combogó. Elementos vazados utilizados pela Diretoria de Arquitetura e Urbanismo nos anos 1930 em grandes painéis como elementos de vedação. Originalmente denominado de cobogó, como a ele se refere o engenheiro Antônio Baltar, é divulgado como combogó pela firma de construções A. O. Coimbra (COMBOGÓ..., 1982).
- ⁹ Pelo menos entre 1969-1973, época em que uma das autoras cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUR), da Universidade do Recife que depois integrou a UFPE.
- ¹⁰ Entrevista concedida às autoras em 3/4/1996.
- ¹¹ Delfim Amorim e arquitetos contemporâneos reinterpretaram os cobogós e criaram painéis com elementos vazados com a mesma finalidade.
- ¹² Dos arquitetos, Twitchell e Paul Rudolph. A filosofia fundamental dessa escola, segundo Howey (1995 apud AMORIM, 2001), teria sido formulada por Rudolph, ainda em 1947: a) clareza construtiva; b) máxima economia de meios; c) volumes simples, penetrantes vertical e horizontalmente; d) Clara geometria sobre a paisagem da Flórida; e) honestidade nos detalhes e nas conexões estruturais.
- ¹³ Aliás, tudo fica um pouco irônico se lembrarmos que, de dois cariocas (Nunes e Borsoi) um italiano (Russo) e um português (Delfim Amorim), se fez a escola do Recife.

Referências

- AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Construtor de uma linguagem – síntese. **AU Documento**, São Paulo, n. 24, p. 94-97, jun./jul. 1989.
- AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. **The sector's paradigm: a study of the spatial and functional nature of modernist housing in Northeast Brazil**. 1999. 438 f. Tese (Doutorado em Advanced Architectural Studies) – University of London, Londres, 1999.
- AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Escola do Recife: três paradigmas do objeto arquitetônico e seus paradoxos. **Vitruvius**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.Vitruvius.com.br/arquitextos/arc012/bases/03tex.asp>> Acesso em: 5 jun. 2001.
- BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Acadêmica, 1972.
- BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CABRAL, Renata. **Arquitetura de Mario Russo**. Uma análise preliminar. 2000. 180 f. Trabalho de Graduação, Centro de Artes e Comunicação, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CABRAL, Renata. Mario Russo. **AU Documento**, São Paulo, n. 96, p.94-99, jun./jul. 2001.
- CABRAL, Renata. **Mario Russo**. Um arquiteto racionalista italiano em Recife. 2003. 2 v. 269 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.
- COMBOGÓ - uma invenção pernambucana. **Fisco & Finanças**, Recife, Ano III, n. 12, p. 34, jul./ago./set. 1982.
- COSTA, Alcília Afonso de Albuquerque. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO N-NE, 2., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: PPG-AU/FAUUFBA, 2008.
- DINIZ, Fernando. Novas vozes pernambucanas. Um rico conjunto de obras a partir de 1950. São Paulo: **Projetodesign**, Edição 328, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/artigos/novas-vozes-pernambucanas-18-03-2008.html>> Acesso em: 18 mar. 2007.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica de la Arquitectura moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.
- HOWEY, J. **The Sarasota School of architecture: 1941-1966**. Cambridge: MIT Press, 1995. Apud AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Escola do Recife: três paradigmas do objeto arquitetônico e seus paradoxos. **Vitruvius**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.Vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/bases/03tex.asp>> Acesso em: 5 jun. 2001.
- MARQUES, Sonia. **Maestro sem orquestra**. 1983. 194 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.
- MARQUES, Sonia. **Modernidade e Urbanismo no Recife**. Relatório de Pesquisa para o CNPq, com apoio do CNPq. Brasília, 1999.
- MONTANER, Joseph Maria. **Después do movimiento moderno: Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1992.
- NASLAVSKY, Guilah. **Estudo do Proto-racionalismo no Recife**. Trabalho de Graduação em Arquitetura, Centro de Artes e Comunicação, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.
- NASLAVSKY, Guilah. **Modernidade arquitetônica no Recife: arte técnica e arquitetura, 1920-1950**. 1998. 301 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**, 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- PONTUAL, Virgínia; MARQUES, Sonia. Urbanismo e humanização. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 16, p. 599-618, 1985.
- POPPER, Karl. **A Lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972. (1. ed. de 1935).
- ROWE, Colin. **Mathematics of the ideal villa and other essays**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1982.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SILVA, Geraldo Gomes da et al. **Delfim Amorim Arquiteto**. Recife: Instituto dos Arquitetos do Brasil/ Departamento Pernambuco (IAB-PE), 1981.
- SILVA, Geraldo Gomes da. Delfim Amorim. **AU Documento**, São Paulo, n. 57, p. 71-79, dez. 1994/ jan. 1995.
- SILVA, Geraldo Gomes da. Marcos da Arquitetura Moderna em Pernambuco. In: SEGAWA, Hugo (Ed.). **Arquiteturas no Brasil /anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988. p.19-27.
- TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na Historiografia da Arquitetura Moderna**. João Pessoa: Manufatura, 2002.

TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. **Oh de Fora!** 1989. 2 v. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

VAZ, Rita de Cássia; NUNES, Luiz Nunes. **Arquitetura Moderna em Pernambuco: 1934-1937. 1989.** 142 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

VAZ, Rita de Cássia; NUNES, Luiz Nunes. Restauo do Teatro São Pedro em São Paulo. **AU Documento**, São Paulo, edição 51, dez. 1993/jan. 1994.

TAFURI, Manfredo; DALCO, Francesco. **Modern Architecture**. New York: Rizzoli, 1986.

VIDEOARTE em Canárias. **Perspectiva Creativa del AudioVisual Canário**. Villa Savoye. Disponível em: <<http://videoartencanarias.files.wordpress.com/2008/09/villa-savoye.jpg>>. Acesso em: 18 mar. 2007.